

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

CLÁUDIO MELO

O ENSINO DE ARTE ALÉM DA SALA DE AULA:
negociações, deslocamentos e apropriações

Juiz de Fora
2019

O ENSINO DE ARTE ALÉM DA SALA DE AULA:

negociações, deslocamentos e apropriações

Relatório final, apresentado à Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte das exigências para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Juiz de Fora, 30 de maio de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. (Nome do orientador)
Afiliações

Prof. (Nome do professor avaliador)
Afiliações

Prof. (Nome do professor avaliador)
Afiliações

Ser artista é engatinhar, tentar ficar de pé, é cambalear. É dar um passo novo até chegar ao fim do corredor e retornar, quantas vezes for, pelo prazer do percurso. É crescer com essas voltas e reviravoltas que um olhar instigado busca. O professor, uma bengala, para a jornada.

O ENSINO DE ARTE ALÉM DA SALA DE AULA:
negociações, deslocamentos e apropriações no espaço da escola

Resumo—Esse artigo tem como objetivo apresentar uma experiência do ensino de Arte na Escola Estadual Francisco Bernardino, em Juiz de Fora/MG, no período entre setembro de 2016 e dezembro de 2018. Ao expor a experiência, são propostas reflexões sobre os processos de ensino e aprendizagem, utilizando o *Hip Hop* e o *graffiti*. Procura, ainda, contribuir, suscitando perspectivas e estratégias metodológicas de docência que reconheçam o pertencimento do aluno e do professor à escola e a necessidade de afetar e ser afetado pelo ensino de Arte. Trata-se do resultado acadêmico sobre uma prática que exigiu a pesquisa da própria ação, consolidando-se, neste artigo, escrito em primeira pessoa, que convida o leitor a navegar nessa experiência e lança questões para produções acadêmicas futuras.

Palavras-chave: *Graffiti*; *Hip Hop*, ensino de Arte; relato de experiência.



Figura 1. EEFB. *Graffiti coletivo*. Acervo Pessoal Juiz de Fora, MG, 2017.

Introdução

Debruçomeu olhar sobre o trabalho de pintura coletiva realizado nas aulas de Arte, na Escola Estadual Francisco Bernardino (EEFB), em Juiz de Fora/MG, no

período entre setembro de 2016 e dezembro de 2018, não só para dar visibilidade a essa experiência, mas também para propor reflexões sobre o ensino de Arte. Nesse período, as aulas de Arte proporcionaram práticas coletivas de pintura/*graffiti*¹ dentro da escola e, posteriormente, a convite, em outras escolas e, até mesmo, na Secretaria Estadual de Educação de Juiz de Fora.

De fato, ao tratar dessa experiência, cabe reconhecer que, em dado momento, as aulas de Arte não couberam mais no espaço da sala e passaram a acontecer nos muros e paredes, fazendo do espaço físico seu quadro negro. Essas intervenções em espaços internos ou externos à Escola promoveram uma ruptura com a formalidade arquitetônica, gerando reflexões pertinentes, por meio de muitos diálogos e discussões sobre as relações sociais e, entre elas, as de poder.

Um espaço público em prol da educação, sendo importante se referir ao artigo “*Espaço público, estética, política e memória*”, da antropóloga e socióloga Mariza Veloso, no qual se pode encontrar a seguinte reflexão sobre o espaço público:

Pensa-se o espaço público e suas formas de constituição na vida urbana contemporânea enquanto espaço de comunicabilidade social, de enunciação dialógica entre diferentes grupos. Contudo, não se poderá esquecer a dimensão política do espaço público, e as formas de sociabilidade em geral, pois aprendemos com Weber (1991) que a vida social pauta-se pela escassez de bens materiais e simbólicos, o que gera permanente luta entre indivíduos e grupos sociais. É nesse sentido que a dimensão e a negociação coletiva tornam-se importante vetor na constituição do espaço público. (VELOSO.2000,p.2).

A aula de Arte ocupa um lugar dentro desse espaço ou faz parte desse espaço? Quando comecei a lecionar nessa Escola, não havia ateliê ou uma sala para a aula destinada ao ensino. Em 2018, passamos a usar uma pequena sala destinada a guardar o material de pintura e livros de Arte, a qual nomeamos de “*Ateliê Aberto*” – e que, apesar de não comportar mais que cinco pessoas, foi toda pintada pelos estudantes que a reconhecem como um espaço deles. Como um nômade, foi possível transitar, de sala em sala, lecionando as aulas. Esse trânsito perpassou por corredores, muros, pátios, chegando até mesmo ao espaço urbano, alterando-os e proporcionando a experiência de pertencimento, ao compreender a dimensão sociopolítica desse espaço chamado Escola.

É sobre essa experiência que o olhar então se volta a fim de apresentar

¹ Graffiti: termo em italiano, plural de *graffito*, significando inscrição feita em paredes, existentes desde o Império Romano. Na cultura Hip Hop, designa a pintura realizada com tinta *spray* por seus integrantes.

minha experiência e desenvolver reflexões tanto para pensar em metodologias de ensino quanto para reconhecer a pertinência e protagonismo dos estudantes como cidadãos no âmbito das relações tecidas na Escola ou para além dela.

Este artigo, elaborado como trabalho de conclusão de curso de Especialização em “Ensino de Artes Visuais”, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), busca dar forma ao “entre lugar”, no qual o ofício do professor permite, também, produzir Arte. E convida o leitor a refletir sobre o protagonismo dos estudantes, não apenas na Escola, mas também na sociedade, quando experimentam e potencializam sua criatividade no espaço escolar e para além dele. De forma adicional, esta investigação se apropria da experiência como matéria-prima da pesquisa-ação, proporcionando reflexões sobre metodologias no ensino de Arte.

Para este artigo, elaborei uma revisão teórico-bibliográfica, que permitiu sistematizar a experiência desenvolvida no ensino de Arte na Escola. Destaco ainda que há registros fotográficos das produções artísticas elaboradas com os próprios estudantes, sujeitos centrais desta experiência, para narrar visualmente o percurso empreendido por esta vivência singular.



Figura 2. Momentos da construção do ateliê. Acervo pessoal. Março de 2018.

1. A tinta base: a Escola e o contexto sociopolítico de “reformas”

A Escola Estadual Francisco Bernardino (EEFB) está situada no Bairro Manoel Honório, da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. A escola foi fundada no ano de 1948. Hoje atende 1.355 estudantes, possui, aproximadamente, 71 professores(as), uma diretora, três vice-diretores, quatro coordenadoras pedagógicas, três bibliotecárias, uma secretária, sete assistentes técnicos da educação e 18 funcionários(as) de serviços gerais, incluindo a cozinha.



Figura 3.EEFB, foto do acervo de Mauricio Lima Correa. Dataprovável: década de 1960.



Figura 4.EEFB.Acervo pessoal. Juiz de Fora, MG, 2019.

A experiência que relato a seguir aconteceu nesta Escola e se revelou como espaço de criação de estratégias e perspectivas para a metodologia de ensino, oferecendo um rico material também para a pesquisa. O empoderamento do estudante e a experiência de pertencimento fizeram-se presentes a partir do *Graffiti* coletivo produzido na Escola. Em alguns momentos, a aula de Arte se traduziu em espaço de existência e de resistência. Os propósitos de conservar-se firme; não sucumbir, não ceder são resultados desta experiência e se fizeram presentes a partir dela, contribuindo com perspectivas ao professor de Arte que caminha em um terreno não solidificado.

Nesse sentido, este processo faz lembrar Robert Morris, quando, em seu texto “*O tempo presente do espaço*”, ao refletir sobre a experiência espacial, em constante mudança, escreve: “A preparação do espaço é uma das mais notáveis experiências do tipo “eu”. Na evocação e reflexão desse tipo de experiência, o ‘eu’ é transmutado para o domínio do ‘mim’”(MORRIS, 2006, p. 405).

Em 2016, quando esta experiência foi inaugurada, começava-se a discutir no país, em âmbito oficial, a Reforma do Ensino Médio². Esta discussão trouxe tensão e burburinhos para as salas dos professores, onde o fantasma da eliminação das aulas de Arte do currículo me assombrava. Inclusive, escutei de uma colega professora que “realmente, a matéria deveria ser eliminada da grade curricular”, uma vez que conteúdos como matemática e português careciam de “maior importância na escola”.

Concomitante a isso, uma sequência de manifestações estudantis se desdobrou pelo país, protestando contra a aprovação dos projetos de lei da “PEC do teto de gastos”, a PEC 2413, o projeto “Escola Sem Partido”⁴ e da Medida Provisória do Novo Ensino Médio. Estudantes “ocupavam” escolas, como forma de manifestação política. Na minha escola, a resistência política era de pouca mobilização. O sindicato dos professores Sind-UTE/JF articulava paralisações e outras manifestações; entretanto, poucos professores e estudantes se envolviam e muitos enxergavam tais paralisações como “feriados antecipados”. Considerando a postura dos estudantes, não vi eficácia em paralisar minhas aulas, mesmo reconhecendo a ameaça da “Reforma do Ensino Médio” para meu ofício e a legitimação do ensino de Arte. Vislumbrei outra forma de resistência, ao ocupar os muros e paredes da Escola com as produções artísticas realizadas em aula. Isto é, a própria aula de Arte como forma de existir e resistir a esse cenário.

Sobre isso o professor Francione Carvalho, no artigo “*Imagens e palavras para pensar a escola: apontamentos sobre a Reforma do Ensino Médio*”, afirma que:

Por mais preparados que estejamos enquanto professores sempre estaremos lidando com o desconhecido, o inóspito, o diferente. Percorrendo caminhos novos e por que não perigosos? O perigo deve nos mobilizar e não nos paralisar, ser encarado positivamente tanto na arte quanto no ensino de Arte. Ele pode nos desafiar a percorrer trajetórias ainda não vividas e ser mobilizador para a criação docente (CARVALHO, 2019, p.962).

²A “Reforma do ensino médio” foi apresentada pelo Governo Michel Temer, em 22 de setembro de 2016. Visa flexibilizar as disciplinas dadas aos estudantes do ensino médio no Brasil, estabelecendo aquelas obrigatórias e as opcionais, que o estudante deve escolher (BRASIL, 2016a).

³A Emenda Constitucional n. 95, de 2016, fez alterações na Constituição Federal, de 1988, instituindo um “Novo Regime Fiscal”, significando limites e/ou restrições ao crescimento de despesas estatais no país, no período de 20 anos. Recebeu, no processo, diversas denominações: PEC do Teto dos Gastos Públicos, PEC do Teto, PEC 241 na Câmara dos Deputados e PEC 55 no Senado Federal (BRASIL, 2016b).

⁴O Programa Escola Sem Partido é um movimento político que alega representar pais e estudantes no combate ao que chamam de “doutrinação ideológica” nas escolas.

Assim, levando em conta a perspectiva de desvalorização da Arte e da cultura no processo formativo dos estudantes, elegi o *graffiti* como forma de resistência. Na EEFB, quando o *graffiti* transforma a arquitetura da escola, acaba por conquistar outro significado: deu “voz” aos estudantes e ao professor de Arte! Apesar do contexto desfavorável que se avizinhava com as reformas educacionais e a perda dos direitos sociais, nós *existimos* na Arte produzida na Escola e, a partir disso, *resistimos* contra o que nos afrontava.



Figura 5.EEFB. Aluno João Victor, 18 anos, interagindo com um disco que tocava, durante a realização de uma das pinturas, em outubro de 2018, na Escola.

Afinal, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os temas transversais perpassam pela realidade social, afirmando o princípio da participação política.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, optou-se por um tratamento específico das áreas, em função da importância instrumental de cada uma, mas contemplou-se também a integração entre elas. Quanto às questões sociais relevantes, reafirma-se a necessidade de sua problematização e análise, incorporando-as como temas transversais. As questões sociais abordadas são: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural. (BRASIL, 1997, p.1).

O cenário político foi só um trampolim para as experiências de existência e resistência na formação em Arte. Os temas transversais se apresentaram nas produções artísticas dos estudantes entre e após as conversas sobre preconceito

racial, diversidade de gênero, minorias sociais e violência, por exemplo, além de constituírem espaços de expressão de suas subjetividades.

2.1 Chegando no rolê: a inserção como docente na Escola Estadual Francisco Bernardino (EEFB)

Sou professor de Arte desde 2001, quando assinei contrato temporário pela primeira vez, ainda no segundo período da graduação e sem contato com disciplinas relacionadas à licenciatura. De forma precoce, descobri na própria Escola um lugar de aprendizado para o exercício do ofício e me construí professor a partir de minha vivência. Meus contratos temporários tinham a duração máxima de um ano por escola. Na prática, estas inserções intermitentes se constituem como território de inseguranças, uma vez que o professor substituto funciona precariamente como um *bandaid* do sistema educacional e o seu trabalho não tem continuidade.

A minha inserção na E.E.F.B., como professor efetivo, começou em abril de 2016, quando fui efetivado no quadro de professores do Estado de Minas Gerais pela aprovação no concurso público realizado em 2012. Surpreendido com a convocação, pois não me lembrava mais do concurso, dei um basta no trabalho como arte-finalista e apostei em novos desafios profissionais.

No meu caso, a efetivação permitiria a realização de um projeto em longo prazo em Arte-Educação com a expectativa de pertencer a “um lugar de professor” e à “minha escola”, acreditando que na Escola coisas novas podem acontecer.

Nessa relação de afetar e ser afetado pelas experiências escolares vivenciadas com os estudantes, comecei a tecer reflexões sobre a produção de conhecimento que ali acontecia. Na parceria e na afetividade, viabilizamos juntos o acontecimento de uma educação dialógica, em que nossos saberes, nossas culturas e raízes se entrelaçam no exercício de ensino e aprendizagem da Arte. Nesse momento, questiono se não seria essencial nos afetarmos pelo que fazemos.

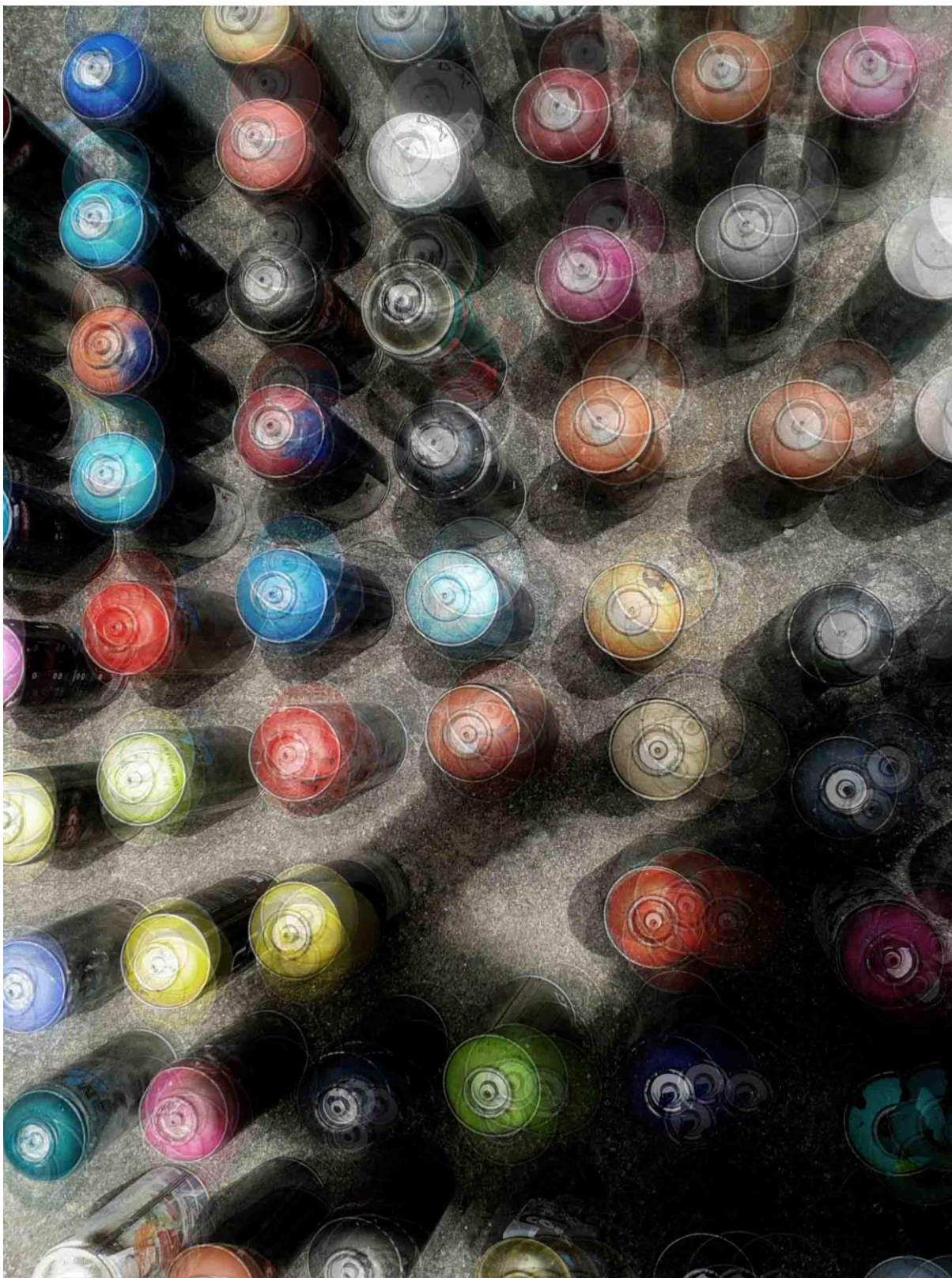


Figura 6.EEFB. Fotografia produzida para Disciplina de Linguagens Visuais I da Especialização no Ensino de Artes Visuais (FACED/UFJF), com a ajuda dos estudantes na Escola, fevereiro de 2018

2.O queé esse tal de *Graffiti*?

O *Graffiti* é uma linguagem produzida na rua e um elemento constituinte da cultura *Hip Hop*⁵, em que diferentes diálogos sociais são construídos no espaço público. A forma como o *graffiti* acontece no centro urbano perpassa por relações sociais pertinentes ao meu trabalho de professor e às minhas inquietudes enquanto artista. No livro “*Letramentos de resistênciapoesia, grafite, música, dança: Hip Hop*”, Ana Lúcia Silva Souza afirma que:

[...] A cultura *hip-hop* chama a atenção pela capacidade de aglutinar um grande número de jovens em torno das atividades que propõe: festivais, oficinas e encontros [...] Para muitos ativistas, o hip-hop mostra-se como um espaço de produção cultural e política em que uma série de práticas de uso social da linguagem são mobilizadas em função de suas necessidades. (SOUZA, 1963, p.16).

O *Hip Hop* é um movimento de resistência que, simultaneamente, agrega e organiza indivíduos marginalizados através de diferentes manifestações artísticas: a música, a poesia, a dança, a pintura. Essa cultura “estrangeira” encontrou espaço na sociedade brasileira, nas similaridades sociais entre o bairro nova-iorquino do *Bronx*, EUA, das décadas de 1960 e 1970, e as paisagens sociais das periferias brasileirashoje. No país, o *Hip Hop* cresce como cultura de rua, nas periferias, presídios e movimentos sociais junto às minorias. Essa dinâmica do *hip hop* é apreciada e validada pelo estudante que dela participaem sua comunidade, mas cujo movimento continua fora das salas de aula.

Considerando tais atributos, acredito na potência desses diálogos entre diferentes manifestações, a rua e o pertencimento, em especial, nas escolas onde a expressão artística se encontra marginalizada. Ao estabelecer relações de convívio entre a Escola e o *Graffiti* (elemento do *Hip Hop*), iniciamos um processo de empoderamento e pertencimento ao espaço escolar e à cidade como um todo. Refletimos juntos sobre as pessoas que estão à margem da sociedade social e economicamente e também sobre o fato de se organizarem através do *pixo* e/ou *graffiti* em um sistema não institucionalizado. Quando investigamos essas formas de

⁵O Hip Hop é integrado por cinco elementos: o *rap*(ritmo e poesia), o *DJing*(música), *breakdance* (a dança), o *graffiti* (a pintura) e a informação. Surgiu entre os anos 1960 e 1970, nas comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas do *Bronx*, em Nova Iorque. É considerado uma subcultura, mas organizou negros e imigrantes em um movimento cultural de resistência e frente ao racismo.

intervenção urbana, no âmbito da Escola, compreendemos o *pixo* e o *graffiti* como espaços de resistência e existência. No contexto de ameaças à manutenção do ensino de Arte nas escolas, apropriamo-nos dessa linguagem artística, presente e viva na própria comunidade. A cultura *Hip Hop*, presente no dia a dia dos estudantes fora da Escola, passa a ser uma ferramenta fundamental em minha prática docente.

Minha aproximação com o *graffiti* começou, contudo, na infância. Nasci e cresci em Belo Horizonte, cidade que, nas décadas de 1980 e 1990, já era bombardeada pelo *pixo*. Entre placas e letreiros, o *pixo* me instigava por diferentes motivos: alguns não conseguia decifrar e outros estavam em lugares tão difíceis de pintar que permeavam meu imaginário – “Como aquilo foi feito?” Adolescente, criei uma *tag*, que desenhei nos cadernos e em alguns postes perto da escola. Não *pixei* com lata de *spray*, era muito caro para um adolescente e não queria arrumar problemas para meus pais. Já o *graffiti* foi meu primeiro professor de desenho. Dentro do ônibus, no trajeto escola/casa, vi um *graffiti* de um personagem que passei a admirar. Como eram tempos sem câmera fotográfica ou celular, contava apenas com a sorte de o ônibus parar no sinal para observá-lo com muita atenção, chegar em casa e tentar reproduzi-lo. Demorou cerca de dois anos só para conseguir fazer o *tênis* desse personagem. No Ensino Médio, fiz um *graffiti* no muro da escola para a feira de cultura. Metade dele foi apagada assim que terminamos, pois foi considerada *pixo*; a parte mais colorida, considerada como *graffiti*, permaneceu no muro por seis meses.

Quando me mudei para Juiz de Fora, em 1998, era raro encontrar intervenções de *pixo* e, mais raro ainda, de *Grffiti*, embora o movimento *Hip Hop* começasse a tomar corpo na cidade, alavancado pelo falecido Jagal⁶. Nessa época, usufruí pouco do movimento, mas hoje participo como artista nos festivais, eventos e *rolês*, já fui jurado de batalhas de *taise* e estou inserido em grupo de grafiteiros que pintam juntos – a *Cria Sete Zero Três*.

Atualmente a cidade de Juiz de Fora abriga dois eventos importantes de *Grffiti* no cenário nacional que reúnem grafiteiros de todo o país. O “*Purencontro*”, que está na 7^o edição, chega a reunir 200 grafiteiros do Brasil e do mundo, que, geralmente, ficam alojados em escolas públicas da cidade. Onde acontece, muda a paisagem, as escolas que o aloja, altera a rotina dos moradores e promove

⁶Rapper, grafiteiro, dançarino e DJ, que movimentava a cena urbana, promovendo eventos, oficinas e *rolês*.

interessante interação entre artistas e comunidade⁷. Outro evento importante é o "*Graffiti Absurdo*", que acontece no interior da *Casa Absurda*, um espaço cultural alternativo, que se transforma em uma galeria de *Street Art*, incluindo outros eventos de *Hip Hop*, mesão de desenho (encontro de desenhistas) e oficinas culturais, sem deixar de ser a morada dos que lá residem.

A forma como o *pixo* e o *Graffiti* acontecem no centro urbano de Juiz de Fora perpassa relações sociais pertinentes à escola e ao trabalho como professor/artista. Desde que chegou ao Brasil, a cultura HipHop tem-se mostrado cada vez mais complexa, congregando várias tendências e modos de atribuir sentidos, ver e agir sobre a realidade. Uma dessas vertentes concentra-se em atividades revestidas de caráter contestatório e propositivo que tematizam, do ponto de vista político, as precárias condições de vida de grande parte da população da urbe (SOUZA, 1963, p.16).

O *pixo* que surge no Brasil enquanto protesto, durante a Ditadura Militar, transforma-se em linguagem no movimento *punk* e hoje carrega a bandeira da cultura Hip Hop, uma cultura periférica. O antropólogo e pesquisador Alexandre Pereira (2008) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), em sua pesquisa "*Transgressão e arte: como o pixo tenciona a arte*", analisa como o movimento de pichação em São Paulo desenvolveu linguagem expressiva própria e se integrou aos circuitos artísticos. Se o *graffiti* é uma forma de intervenção no espaço, Paulo Freire nos lembra que "ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo" (FREIRE, 1996, p.38).

Ao meu ver, reside aí a importância de refletir sobre a metodologia construída nesse processo entre educação e arte e, a partir da experiência singular junto aos alunos da EEFB, produzir também conhecimento e, mesmo, Arte.

3. A metodologia que atravessa o muro

Como professor, estou interessado em interagir, produzir e negociar significados com os alunos, atores eleitores de uma visualidade, produzida na escola pela Escola. Almejo materializar o "entre lugar" onde a aula de Arte acontece, para, a

⁷Tive a oportunidade de participar da edição de 2016, no Bairro Linhares, e, em 2018, no Bairro Santa Terezinha; já em 2017, não houve o evento por falta de verba.

partir daí, identificar potências e com elas atuar.

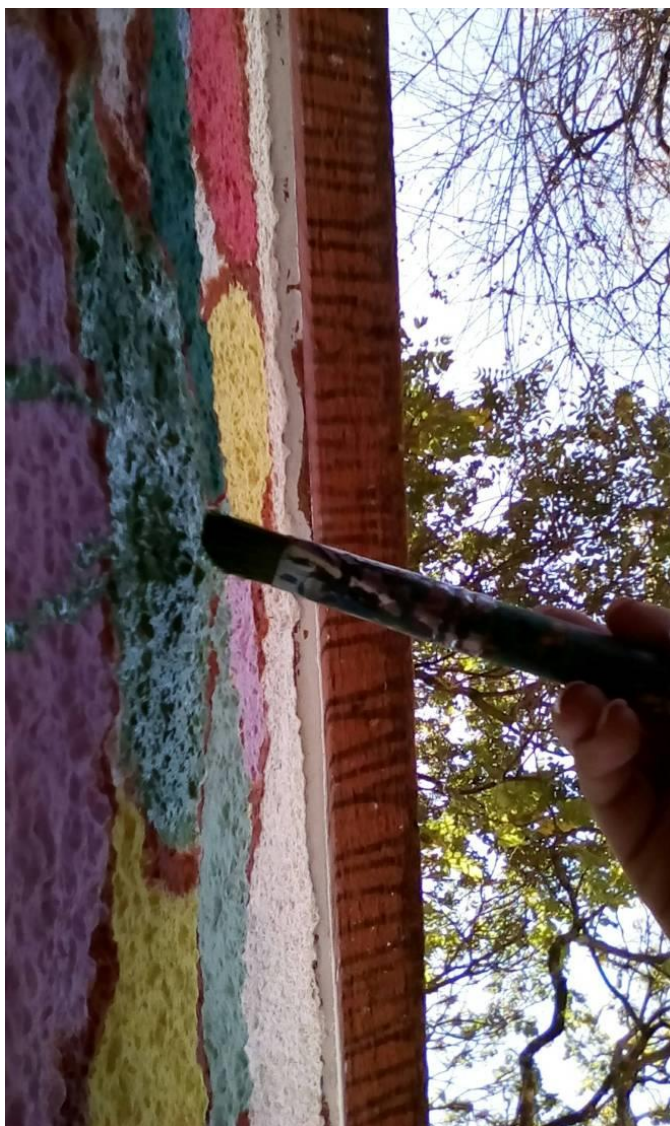


Figura 7. EEFB. Pintura em execução na aula de Arte, em setembro de 2018. Acervo pessoal.

O "entre lugar" é assimétrico e tão orgânico quanto os organismos que o estabelecem. Determinadas as identidades dos "lugares", o "entre" se faz plataforma de conflitos. Luciano Bedin da Costa aponta no texto "*Cartografia: uma outra forma de pesquisar*":

Como o que se passa *entre* é o mais interessante, resta ao cartógrafo estar suficientemente poroso a estas micros sensibilidades que se instauram nas zonas fronteiriças. Aliás, por tornar mais desguarnecidas as fronteiras que uma cartografia é efetivamente traçada. Do contrário, segue-se o que tradicionalmente chamamos de dados, resultados e conclusões, com os quais o mundo e a vida parecem nunca se adequar (COSTA, 2014, p. 67 – grifo nosso).

Onde está o professor? A Educação baseada em Arte evidencia um professor

alinhado à produção artística como pesquisador, protagonista, autor e construtor de saberes. Assim, sou agente daquilo que pesquiso.

Na escola, a produção de pinturas da aula de Arte e intensificou em 2017. Havíamos encontrado uma forma coletiva de pintar que funcionava, haja visto os resultados empolgantes do ano anterior. Recebemos o apoio da direção para as pinturas nos muros da escola. A partir daí, começamos a problematizar os mecanismos inerentes aos trabalhos coletivos realizados para compreender e aprofundar este processo que inicialmente se deu de forma intuitiva.

Com esta decisão, ingressei ao Grupo de Pesquisa Mirada– Grupo de Estudo e Pesquisa em Visualidades, Interculturalidade e Formação Docente, liderado pelo Prof. Dr. Francione Oliveira Carvalho e Prof.^a Dr^a Olga Egas, onde desenvolvemos estudos e investigações que problematizem o impacto das múltiplas visualidades nos processos educativos e na formação do professor. Também iniciei, em dezembro 2017, a Especialização no Ensino de Artes Visuais.

Novos conhecimentos permitiram-me reconhecer que meu projeto educativo vai ao encontro do que Paulo Freire propõe na obra *“Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente”*:

É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. [...] A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. [...] O que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. [...] A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer (FREIRE, 2001, p.17).

Envolvido pela dinâmica da ação/reflexão/ação, minha prática docente passou a ser construída pela intencionalidade de um olhar investigativo, dividindo a intuição com a pesquisa da própria ação. À medida que as questões pertinentes ao ensino de Arte foram emergindo, foi possível desenhar a própria pesquisa acadêmico-científica que ora apresento: uma pesquisa de abordagem qualitativa vinculada à ação na escola. Enquanto professor/pesquisador investigo minha prática e, simultaneamente, elaboro dados sobre a minha própria realidade docente.

Em uma atitude cartográfica, sou pesquisador participativo no encontro dos territórios que acontecem na Escola, pois, como aponta Luciano Bedin da Costa:

O pesquisador-cartógrafo é também parte da geografia a qual se ocupa – não se pode, em uma pesquisa cartográfica, situar o campo de pesquisa como algo que estaria 'lá' e o pesquisador 'aqui'. A cartografia, neste sentido, é uma prática de pesquisa suja, distante da assepsia e da limpeza

que método científico positivista nos propõe. Ao invés de somente explicar, de desdobrar a dobra, seu olhar e escrita multi/implicam o mundo (COSTA, 2014, p. 71).

A partir deste ponto, levanto as seguintes questões: A arquitetura existe para acolher, acomodar o indivíduo, mas será que ela abriga todos? Existe hostilidade na arquitetura construída pelo homem?

A ação de alguém que *pixa* ou *graffita* um muro pode ser considerada uma disputa de território visual. O muro demarca um território privado, mas se manifesta enquanto visualidade no espaço público. Entre o público e o privado, está a arquitetura, por vezes, demarcando fronteiras, instaurando hostilidades e trincheiras visuais entre os indivíduos. Como tornar essa trincheira democrática? O *Hip Hop* pode ser o lugar da transversalidade e da democracia?

Em nossa sociedade, marcada por desigualdades econômicas-políticas e socioculturais, permeada por temas como homofobia, machismo e racismo, discutir o *pixo/graffiti* na Escola pode ser uma ferramenta para dar vez e voz para aqueles que estão em posição desfavorável no contexto social. Por exemplo, a consciência negra constantemente está representada nos *grafites* da cidade. O movimento feminista também tem ocupado esse lugar, inclusive com a criação de uma Crew só de mulheres, além da organização de um evento de *graffiti* só para as "minas" na cidade— em que se destaca o coletivo “*Lãs Manas*” com alunas desta Escola, entre outras simpatizantes. Atualmente, observo que também artistas LGBTQTs vêm se apropriando da linguagem.

A diversidade agregada à cultura Hip Hop instituiu um território para refletir e ampliar as discussões sobre os temas transversais que sensibilizam estudantes e a comunidade educativa (pais, professores, direção). A Escola onde leciono encontra-se na Zona Leste da cidade, onde a cena da cultura *Hip Hop* tem força e expressividade. Portanto, incentivar, nas aulas de Arte, as manifestações culturais da comunidade foi algo que se deu naturalmente, favorecendo a troca de conhecimentos.

Como observam as professoras Elza Oliveira, Aline Freitas e Andréia Bazzo, em “*Costuras estéticas: o cotidiano no ensino da Arte*”:

Nas aulas de arte onde se aborda códigos que não são os dominantes, abre-se a perspectiva de uma concepção de arte etnocêntrica, ou seja, utiliza-se de códigos culturais e estéticos dos alunos, bem como de grupos de minoria, com uma proposta de acesso a outras culturas que são valorizadas e legítimas (OLIVEIRA; FREITAS; BAZZO, 2015, p.4).

Essas experiências de *graffiti* e do *hip hop* mais amplamente têm significado, portanto, o pertencimento das minorias à cidade. Em experiências e em resistências, o sentido de pertencimento à vida urbana é propiciado àqueles que aí se inserem. E esse processo vem se dando para os estudantes e professor no espaço da Escola e da vida da cidade, bem como deve também se expressar para esses demais grupos citados, que, a partir de suas experiências, também vêm se expressando a partir de elementos, como o *graffiti*, por exemplo, e/ou integralmente do *Hip Hop* e/ou dos demais que o constituem.



Figura 8. EEFB. Alunas da Escola fazem *selfies* diante de intervenção de *graffiti* da artista PKN, que foi convidada a pintar em nosso painel coletivo, novembro de 2018.

4. Grafitando a EEFB: “Professor, manda um *Graffiti*!”

Em setembro de 2016, a tinta foi para a parede pela primeira vez. A ação planejada para um sábado letivo sobre o tema “Diversidade” abriu a Escola para a comunidade. Tudo começou quando eu estava auxiliando um estudante a fazer uma caricatura do sambista Cartola em um papel Kraft com giz de cera, quando outro estudante passou por ali e disse: “Ô fessô, manda um *Graffiti* desse aí na parede”. Sentindo-me confortável em experimentar coisas novas na Escola, indaguei: Porque não fazer um *graffiti* na escola?

Assim, na primeira pintura, convidei todos que passaram pelo corredor da Escola para pintarem uma flor, uma pétala ou um pólen no “Jardim da Diversidade”, título dado ao trabalho. Diretores, coordenadores, estudantes, familiares, cantineiros, todos participaram, e a pintura durou mais duas semanas. Constituíam-se ali uma atividade coletiva que alterava o espaço escolar. Falas recorrentes como “Eu não sei fazer”, “Eu não sei pintar”, embora comuns, dissolveram-se na ação de pintar. Técnicas do desenho e da pintura podiam ser apreendidas com o colega ao lado ou com auxílio do professor. Por vezes, iniciativas pictóricas diferentes foram negociadas entre os colegas. Assim, o jardim ganhou caveiras coloridas para representar a diversidade entre indivíduos e a frase grafada: “*Regue a vida com amor, o Jardim é de todos*”.



Figura 9. EEFB. Interação do professor com o primeiro painel pintado na Escola – “Jardim da Diversidade”, setembro de 2016.

Ao integrar a atividade do sábado letivo, que inicialmente não estava prevista em meu planejamento, com intervenções coletivas, alteramos não apenas o espaço escolar, mas as relações entre indivíduos e a própria aula de Arte. Assim, compreendi que um programa para o ensino de Arte exigido do docente flexibilidade e abertura para acasos e incertezas tanto quanto os processos criativos de um artista.

Como consequência, a pintura na Escola nunca acabou... Solicitei aos alunos que pintassem na parede ao lado, dando início a outro painel, depois a outro... Foram pintados 39 painéis no interior da Escola, 12 no muro externo, um na sede da Secretaria Regional de Ensino de Minas Gerais e três em outras escolas estaduais da cidade. Toda essa produção coletiva despertou o interesse da mídia e de pesquisadores da universidade, além do respeito entre os grafiteiros da cidade, a partir do trabalho de um professor. Um reconhecimento do meu “eu artista” a partir do ofício de educador. Uma legitimação do artista pela sociedade a partir de outro ofício, o de educador.

O percurso da aula para fora da sala, como também para além da Escola, estabeleceu conexões com artistas, grafiteiros, outras instituições de ensino, projetos de pesquisa e comunidade. Nessas conexões, plantam-se experiências de pertencimento – a Escola que pertence a uma sociedade, o estudante que pertence à

Escola, uma área do conhecimento que pertence a um currículo, um professor que pertence a esse lugar, uma arquitetura que se preenche do humano e do social que habitam a cidade. Foi e ainda é comum escutar a pergunta: “Professor, a gente vai pintar a escola toda?” E sempre respondo: “Vamos pintar o mundo!”

4.1 Refletindo sobre as potencialidades deste trabalho: a construção de uma metodologia de ensino

No curso de Especialização, conheci o trabalho da artista paulistana Mônica Nador, que desenvolve pinturas murais de grandes dimensões e estamparia justamente em comunidades carentes (GALERIA VERMELHO, 2008). A dimensão social da arte abriu outras perspectivas para o trabalho que vínhamos desenvolvendo na Escola.

Identifico três pontos em comum entre a metodologia de Mônica Nador e a prática na EEFB: 1 – Quebrar a resistência do estudante em relação à construção do próprio desenho; 2 – Articular a construção pictórica à técnica, para produzir uma nova “coisa”. 3 – Congregar o individual no trabalho coletivo. No âmbito do professor propositor, aponto três funções essenciais: incentivar a expressão artística; proporcionar conhecimento técnico adequado e, por fim, ser o maestro regente do coletivo. Tão potente quanto o resultado final do trabalho é a mudança no ver, olhar, observar e agir desse coletivo.



Figura 10. EEFB. Trabalho realizado para Especialização no Ensino de Artes Visuais, com a contribuição dos estudantes, 2018.

Pintaremos tudo de novo? Considerações finais

Chego aqui, a um painel pronto, mas também posso lançar a questão: pintaremos novamente? Trabalhei e trabalho na tentativa de legitimar o ensino de Arte no espaço que ele ocupa: a Escola, reconhecendo, como apresentado, que esta também se insere em uma dada comunidade e, ainda, na própria sociedade. A arquitetura que nem sempre está para acolher e não atende a todos torna-se um lugar democrático à medida que alteramos sua visualidade. A sociedade, por vezes, reverbera o comportamento da arquitetura para com o ensino de arte.

As negociações que surgem vão contando sobre as próprias subjetividades criadas e construídas entre professor e estudantes, na e para a Escola, no espaço formativo como estudantes e como cidadãos. No processo, as experiências são construídas e elas também se mostram como resistências – no mínimo, ao que já está dado, posto, como o essencial do ensino, mas que nem sempre avança para a Educação em seu sentido mais abrangente.

O *graffiti* é uma atividade efêmera, a produção desses quase três anos de trabalho vai sendo corroída pelo tempo, dia após dia, porém seus ecos estão a pensar a arte/educação. O que o tempo poderá apagar, nas tintas e nas cores, está, no entanto, concretizado na relação professor, aluno e Escola. Sim, pintaremos novamente ou pintaremos tudo de novo!



Figura 11. Aula no turno da noite. Acervo pessoal. Outubro de 2018.

Novas questões se colocam, a partir de todo esse processo – seja o da experiência do ensino de Arte, nessa escola, seja o que o meu próprio processo

formativo na pesquisa e neste curso, ambos na universidade, vêm fomentando: a pista é de quem? Estudantes, professor e Escola, apenas estes? Como são construídos e negociados os acordos de ocupação do espaço? Quem decide e como decide o que vai para as paredes? Qualquer expressão é válida? Quais seriam os limites?

Várias questões se abrem, assim, a partir dessa experiência, inclusive as possibilidades de articular os diferentes campos de conhecimento que habitam a escola. O rolê não acaba aqui. Ao contrário, ele abre perspectivas, seja para outras experiências, seja para a pesquisa e outros trabalhos futuros.

Pelas voltas e reviravoltas que demos, como na epígrafe deste texto, mantenho os olhos e ouvidos atentos às demandas dos estudantes com a certeza de que há, na Escola, lugar para produzir múltiplas visualidades advindas da cultura popular, de rua e/ou a erudita. Mãos à obra, ou melhor, à Arte, ao Ensino, à Educação e à produção de conhecimento que estes processos e reflexões podem proporcionar!



Figuta12. Acervo pessoal, 2017.



Figura 13. Síntese Cartográfica.



Figura 13. Graffitis realizados no período em análise. Acervo pessoal, 2018.

Quem colou no Rolê: REFERÊNCIAS

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais* Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016. Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Seção 1, Ed. Extra, 23 set. 2016, Brasília, 2016a. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/medpro/2016/medidaprovisoria-746-22-setembro-2016-783654-publicacaooriginal-151123-pe.html>>. Acesso em: 04 mai. 2019.

_____. Emenda constitucional nº 95, de 2016. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Seção 1, 16 dez. 2016, Brasília, 2016b. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/emecon/2016/emendaconstitucional-95-15-dezembro-2016-784029-publicacaooriginal-151558-pl.html>>. Acesso em: 04 mai. 2019.

CARVALHO, Francione. *Imagens e palavras para pensar a escola: apontamentos sobre a reforma do Ensino Médio*. RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 14, n. 3, p. 973-985, jul./set. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10621/8145>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

COSTA, Luciano Bedin da. *Cartografia: uma outra forma de pesquisar*. Revista Digital do LAV. Santa Maria, v. 7, n.2, p. 66-77, mai./ago.2014

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALERIA VERMELHO. Mônica Nador e brodagem. Exposições, 26 fev. a 20 mar. 2008. Disponível em: <https://galeriavermelho.com.br/sites/default/files/expo/text/Mônica%20Nador_e_brodagem_1.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2019.

MORRIS, Robert. *O tempo presente do espaço*. In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília. (Org.) *Escritos de artistas anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

OLIVEIRA, Elza Aparecida de; FREITAS, Aline Amaral de; BAZZO, Andréia Regina. *Costuras estéticas: o cotidiano no ensino da arte*. Paraná: PUCPR, 2015.

PEREIRA, Alexandre. *Como o pixo tensiona a arte*. In: FAPESP. Vídeos FAPESP. Entre transgressão e arte. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=29&v=dF_xHi5qsKE&fbclid=IwAR1v8AZJUVomcXY1sgTdUGg-m1NXYF36kddP_mjsd9CnG0FwSwPLj0yrFso> Acesso em: 19 abr. 2019.

SOUZA, Ana Lucia Silva. *Letramentos de resistência poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo: Parábola Editorial, 1963.

VELOSO, Mariza. *Espaço público, estética, política e memória*. In: 27ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. Brasília, 2000. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/25-encontro-anual-da-anpocs/st-4/st06-3/4583-mveloso-espaco/file>>. Acesso em: 04 mai. 2019.